



**BREVE ESTUDO DE CASO:
UMA ABORDAGEM DA ESCRITA
NA TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA**

Claudia Perrotta *

O que apresento a seguir é um episódio do trabalho com leitura e escrita realizado com uma de minhas pacientes, em meu consultório particular. Peço ao leitor que se atenha, primeiramente, à produção escrita que se segue, procurando levantar algumas hipóteses, mas sem pretender ser conclusivo em sua avaliação.

O texto

Um menino que descobre sua sensibilidade para dança, e tem que enfrentar o preconceito da família que é pobre sobre uma arte que mulheres a construiu, em relação a homossexualidade. Billy um menino de 11 anos, inglês que vive no interior da Inglaterra, tem a responsabilidade de cuidar da avó enquanto seus pais e seu irmão

* Fonoaudióloga clínica, mestre em fonoaudiologia (PUC-SP), assessora na elaboração de teses e artigos e co-autora do livro *Histórias de contar e escrever – a linguagem no cotidiano* (Summus, 1995). E-mail: claper@attglobal.net

participam de uma manifestação de greve da mina a onde trabalham. O pai e o irmão querem uma boa educação de Billy, quando cumpre o seu dever de preparar o café da avó e ouve discos de vinil do irmão, e vai para a escola em companhia do colega em que treina boxe como todo o menino, mas isto não o agrada em apanhar em horário marcado e ainda pagando. Até que um dia Billy encontra uma solução trocar as aulas de boxe pelas aulas de ballet da Sra. Wilkinson, ensaia alguns movimentos. Sua tentativa é tão ruim quanto a performance no boxe. Além disso, que seu pai em sua consciência iria permitir que seu filho, homem, praticasse ballet em vez de boxe. Quanto mais Billy que está descobrindo sua sexualidade com um amigo sutilmente efeminado que adora se maquiar e se vestir de mulher. Billy ignora a atração pela dança. A Sra. Wilkinson não desiste do que ela imagina possa se tornar seu melhor e único aluno. Ludibriando o pai e o irmão, o garoto usa o dinheiro das aulas de boxe para pagar o ballet.

Qual teria sido a motivação para que esse texto fosse realizado? Quem seria sua autora? Qual o significado da convivência de frases tão confusas, como a do início – *Um menino que descobre sua sensibilidade para dança, e tem que enfrentar o preconceito da família que é pobre sobre uma arte que mulheres a construiu, em relação a homossexualidade* – com outras tão bem articuladas – *A Sra. Wilkinson não desiste do que ela imagina possa se tornar seu melhor e único aluno. Ludibriando o pai e o irmão, o garoto usa o dinheiro das aulas de boxe para pagar o ballet?*

Enfim, o que podemos conhecer da paciente por meio dessa produção? Quais aspectos de si estão sendo apresentados?

A história do texto

A paciente chega à sessão de terapia fonoaudiológica e pede ajuda para escrever uma monografia, tarefa escolar, com o seguinte tema, por ela já escolhido: O preconceito contra homens no ballet.

Conversamos, então, sobre o que seria uma monografia (definição do gênero discursivo – texto expositivo, dissertação, estudo minucioso de tema restrito), associando as informações que recebeu no contexto escolar com o que vinha sendo trabalhado no espaço terapêutico, entre outros aspectos, os diversos usos sociais da linguagem escrita (Bakhtin, 1997).

Depois, pesquisamos em uma reportagem de jornal, trazida pela paciente, e, principalmente, em seus relatos pessoais, já que a escolha foi por escrever sobre uma arte praticada há anos por ela.

Na ocasião, havia também um filme em cartaz – *Billy Elliot* –, exatamente sobre o tema escolhido: um garoto que abandona as aulas de boxe para se dedicar ao *ballet*, sofrendo com isso preconceitos por parte de toda a sociedade da época retratada. Consideramos, juntas, que, após introduzir o tema da monografia, contando a origem e história do *ballet*, poderia ser interessante contar a história de Billy, como maneira de ilustrar o tema.

Na sessão seguinte, a paciente chega, então, com o texto escrito sobre o filme. Não o havia assistido, mas lendo uma revista especializada em cinema, encontrou uma narrativa da história. A partir dela escreveu o texto acima, segundo ela, com suas próprias palavras. E ela estava satisfeita com sua produção.

Podemos, agora, começar a responder algumas das questões anteriormente elaboradas. A autora do texto, no momento de sua escritura, parece não ter se dado conta de que não conseguiu narrar de maneira clara o enredo do filme, talvez por não tê-lo assistido, talvez porque lhe fosse indiferente usar suas próprias palavras ou as de outros. Na verdade, P. nos diz, pelo texto, que pouco significado atribuiu à elaboração de uma visão pessoal do filme. Cabe perguntar então: seria esse um aspecto que se repete em outras situações de sua vida?

Alguns aspectos da história da paciente-autora.

P. é uma garota de 16 anos que chegou à terapia trazida pela mãe e por indicação da escola. A razão do encaminhamento foi a escrita confusa, quase ininteligível, a tendência a copiar em vez de escrever com suas palavras e uma dificuldade generalizada na apreensão de diversos conteúdos escolares, embora cumprisse as tarefas a ela solicitadas, empenhando-se por corresponder ao ideal de boa aluna.

Na ocasião da primeira entrevista, a mãe contou que P., até o ano anterior, estudava numa escola em que ela, mãe, dava aulas de educação artística, e seus colegas professores a procuravam, então, para “reclamar” das diversas dificuldades da filha.

A mãe descreveu P. como uma garota bem comportada, mas limitada intelectualmente. Contou, então, que insistia para que a filha praticasse *ballet*, embora ela dissesse não querer continuar a fazê-lo, pensando que, futuramente, em momentos difíceis, pudesse ministrar aulas e se sustentar. A mãe acreditava que, assim, poderia por exemplo, proteger a filha de envolvimento com drogas ou outros problemas característicos do momento atual entre os jovens. A idéia era ocupá-la de alguma maneira com uma atividade produtiva, pois temia que suas frustrações intelectuais lhe causassem problemas.

De fato, em nossos primeiros encontros, P. mostrou-se uma garota “comportada”, no sentido de querer parecer muito simpática, disponível, educada, quase servil. Isso me parecia uma máscara para esconder outros sentimentos, mais conflituosos, que logo se fizeram presentes no espaço terapêutico, tais como raiva das escolas que a julgavam com dificuldades – P. costumava encontrar muitas justificativas para seus problemas na maneira como os outros agiam com ela; revolta contra a mãe, por obrigá-la a fazer *ballet* e por impedi-la de sair com suas amigas; irritação diante das propostas feitas no espaço terapêutico para que lesse e escrevesse textos. Também mostrou, em diversas oportunidades, ser uma pessoa opinativa e atenta para as injustiças sociais, contundente na maneira de expressar suas idéias.

Nas leituras, mostrava-se pouco disponível para aprofundar o entendimento dos textos, indiferente ao desconhecimento de palavras que a impediam de compreender, de compartilhar as idéias expostas. Trago, então, um episódio para exemplificar sua relação com o desconhecido.

Trata-se da leitura do editorial da *Folha de S. Paulo*, publicado em primeira página, por ocasião das eleições municipais de 2000 (1.10.2000). O título do artigo era “O poder do voto” e refletia sobre a grande responsabilidade do eleitor diante dos rumos da política. Embora o texto fosse bastante claro em sua argumentação a respeito da idéia defendida, palavras desconhecidas por um público mais jovem, em alguns momentos, prejudicavam o seu entendimento. Em função disso, pedi a P. que procurasse no dicionário o significado dessas palavras; uma delas era *repulsa*, que se encontrava na primeira frase do artigo, qual seja: “É cada vez mais disseminada a *repulsa* pela política”.

Dicionário em mãos, P. anotou: *repulsa: sentimento ou sensação*. Relemos o texto com as novas informações sobre o significado da palavra em questão: “É cada vez mais difundida o sentimento ou sensação pela política”. Diante da falta de sentido da frase, voltamos ao dicionário:

– Veja, aqui está escrito: sensação ou sentimento de aversão.

– É, mas eu não sei o que é aversão, então eu só copiei o que eu sei: sentimento ou sensação.

A justificativa encontrada por ela segue a lógica do não enfrentamento do desconhecido, a da permanência no terreno do conhecido, talvez por não se sentir segura o suficiente para se lançar para além do já aprendido. E, no entanto, se ela pudesse ter dado o próximo passo em direção ao conhecimento, qual seja, procurar o significado da palavra *aversão*, teria encontrado as seguintes definições: *ódio, antipatia*, ou seja, palavras, certamente, conhecidas.

Na escrita, com frequência, além de me perguntar sobre a grafia correta de determinadas palavras, pedia para que eu resolvesse dúvidas, como, por exemplo, sobre o uso adequado de determinados termos. No entanto, nesses momentos, eu estava presente diante dela, mas sem acesso ao desenrolar de suas idéias, expostas no texto que ia escrevendo. Percebia, então, que P. supunha que eu estava dentro dela, fusionada a ela e, portanto, ciente de suas intenções, acompanhando muito de perto o fluxo de seus pensamentos.

Uma possível compreensão

Para refletirmos sobre o que foi dito, apresento então a visão de desenvolvimento psíquico de Winnicott (1999). Segundo o autor,

(...) o desenvolvimento depende de um suprimento ambiental satisfatório, qual seja, aquele que facilita as várias tendências individuais herdadas. O ambiente satisfatório é aquele que começa com uma grande capacidade da mãe de adaptar-se às necessidades individuais de sua criança, sendo que esse estado especial é denominado pelo autor preocupação materna primária. De acordo com a crescente necessidade que o bebê tem de experimentar reações à frustração, essa adaptação vai então diminuindo.

Nessa perspectiva,

(...) o desenvolvimento se dá a partir da dependência absoluta do ambiente físico e emocional – quando não há vestígios, no bebê, de consciência da dependência pois não há distinção entre EU e NÃO-EU –, evoluindo para a dependência relativa – quando se dá conta da necessidade do cuidado materno –, e seguindo em direção à independência – quando a criança desenvolve meios para viver sem o cuidado real, como recordar o cuidado materno, desenvolvendo a confiança no meio.

Winnicott (1999) afirma que “é somente sobre uma continuidade no existir que o sentido do self, de se sentir real, de ser, pode finalmente vir a se estabelecer como uma característica da personalidade do indivíduo”. No entanto há, segundo o autor, *falhas ambientais* que podem comprometer o *gesto constitutivo do si mesmo*.

Destaco aqui uma delas, que é a presença excessiva da mãe. “A mãe excessivamente presente, segundo Winnicott (1999), é aquela que interrompe a maneira de ser do filho, levando a despertá-lo precocemente para o sentimento de alteridade. É a mãe que formata, concebe excessivamente a criança (concebida como objeto), que fica dessa maneira fundida à sua criadora”.

Podemos então elaborar novas reflexões sobre o texto anteriormente apresentado. O tema da monografia, ainda que escolhido pela paciente-autora, dizia respeito a algo que P. afirmava, categoricamente, não gostar – o *ballet*. Isso pode, de fato, ter levado P. a descuidar de sua produção, como se expressasse, por meio dela, o quanto praticar *ballet* lhe era algo imposto, algo que não realizava por vontade própria. Para que então empenhar-se em discorrer sobre esse assunto?

Mas, para pensarmos sobre como lidar no espaço terapêutico fonoaudiológico com essa questão, é importante lembrarmos que foi a paciente quem *escolheu* o tema, talvez pautada, de acordo com os aspectos de sua história aqui apresentados, no desejo de sua mãe, na maneira como a concebia – sua *escolha* estaria então submetida à idéia de si concebida pela sua criadora. Nessa perspectiva, justifica-se sua indiferença diante da elaboração de um dizer próprio, sentimento que ocorria em diversos momentos de sua vida.

A leitura terapêutica do texto

É importante, porém, pensarmos que se, simplesmente, P. se submetesse à ordem de cumprir metas estabelecidas por outros significativos, talvez seus textos fossem boas cópias, talvez não surgissem grandes dificuldades para decorar conteúdos escolares, e ela poderia, então, ter algum sucesso nas atividades acadêmicas, adaptar-se às exigências dessa natureza.

A dificuldade na elaboração textual surge, justamente, porque há um conflito, qual seja, o desejo de *ser* “briga” com o desejo de *corresponder* ao ideal de outros.

A produção escrita apresentada anteriormente, então, não pode ser vista apenas de maneira objetiva, como a manifestação pura e simples de grandes dificuldades de organização textual ou mesmo de domínio de um certo gênero discursivo. Mais do que isso: *é a apresentação do conflito que impede a paciente de copiar com eficiência, o que, no processo terapêutico, representa um terreno fértil para a transformação e recuperação do desejo de ser.*

Há aqui um paradoxo importante a ser identificado: a produção apresentada é, de fato, uma cópia e, nesse aspecto, indica as dificuldades da paciente em realizar um dizer próprio; mas, ao mesmo tempo, essa produção *é* o seu dizer próprio, qual seja: *vivo um conflito entre o fazer-pelo-impulso e o fazer-reativo.*

Segundo Winnicott,

(...) todos nascemos com potencial para a integração; no entanto, isso só pode ocorrer efetivamente quando o mundo é apresentado ao bebê de modo satisfatório. E apresentá-lo de modo satisfatório significa, primeiramente, que se a mãe for suficientemente boa, ou seja, capaz de se adaptar às necessidades do bebê, ele não vai perceber o fato de que o mundo estava lá antes que ele tivesse sido concebido ou concebesse o mundo. Isto é denominado de onipotência primária – base para sermos criativos e desenvolvermos uma visão pessoal de tudo. (1990)

Através de um processo de crescimento extremamente complexo, geneticamente determinado, e da interação do crescimento individual com fatores externos que tendem a ser positivamente facilitadores, a criança torna-se você ou eu, descobrindo-se equipada com alguma capacidade para ver tudo de um modo novo, para ser criativa em todos os detalhes do viver. Ou seja, ver tudo como se fosse a primeira vez. (Winnicott, 1999, p. 25)

Diante dessas reflexões, o que poderíamos propor no espaço clínico fonoaudiológico, para que P. encontrasse algo de mais genuíno em si, vislumbrando então algum sentido em desenvolvê-lo?

Intervenção terapêutica fonoaudiológica

Diante da produção escrita anteriormente apresentada, fomos relendo-a, conferindo a desarticulação das idéias e o uso de palavras que não faziam parte do repertório da paciente e que haviam sido copiadas sem que ela procurasse compreendê-las. Cabe ressaltar que esses apontamentos só foram possíveis porque já tinham ocorrido inúmeras outras situações terapêuticas que possibilitaram à paciente a construção e a integração de novos referenciais, no que diz respeito às suas possibilidades de criação.

A intervenção deu-se, então, no sentido *de problematizar a autoria textual*, instigando-a a realizar um dizer próprio.

Na sessão seguinte a paciente chegou contando que havia visto o filme, expressando com vivacidade o quanto tinha gostado de assisti-lo. Ficou grande parte do tempo relatando a história, mostrando claramente que havia prestado atenção, especialmente em partes que não havíamos compreendido quando na leitura de seu primeiro texto. Ela fez questão de esclarecer, por exemplo, que Billy era órfão de mãe, detalhou o contexto político do filme e, principalmente, como o pai se convenceu do talento do filho, inclusive *furando* a greve para conseguir recursos a fim de possibilitar sua realização profissional como bailarino. Pedi, então, que escrevesse um texto apenas contando suas impressões mais afetivas:

Depois de ter visto o filme, o mais interessante é que eu me identifiquei com o filme e o menino Billy, a dificuldade de ter que pedir para o pai fazer Ballet. Eu acho que nenhum menino iria ter coragem, como ele teve de enfrentar o pai e pedir para fazer o que ele queria e não o que o pai queria, que é lutar boxe.

O menino tem uma força de vontade, e o que precisa para um bailarino, ensaio e mais ensaio para fazer uma bela e perfeita pirueta como virar a cabeça, a perna e os braços em um único movimento.

Mas quem se interessa por Ballet este filme é ótimo de ver, porque depois dá até vontade de sair dançando, como o Billy, o menino do filme.

Identificação de aspectos impeditivos da capacidade de criar

É possível correlacionar, então, alguns aspectos da história da paciente-autora, principalmente aqueles que dizem respeito à dupla mãe/filha, com os textos por ela produzidos.

Podemos observar que nesse segundo texto surge, enfim, a identificação com o personagem do filme, só possível porque a paciente se permitiu uma *vivência estética direta*, a qual abriu campo para um aspecto de sua singularidade, qual seja: a dificuldade de Billy em ter de pedir para o pai fazer *ballet*, que, nesse contexto, podemos traduzir por: *a dificuldade de afirmar seu desejo de ser diante das figuras familiares*. A paciente ressalta: *nenhum menino iria ter coragem, como ele teve de enfrentar o pai e pedir para fazer o que ele queria e não o que o pai queria, que é lutar boxe*. Esse texto, de fato, é produção singular, pois fala da *coragem*, da *força de vontade* que é necessária para a recuperação da capacidade de criar. A paciente fala, então, de algo que conhece bem, que sente na pele, *fala a partir de seus próprios referenciais*.

Ainda que esse texto não seja adequado do ponto de vista de correspondência às regras do bem dizer, apresenta, sim, sua capacidade de criar. Nesse caso, de criar a visão de uma história, a visão do filme. Mas para se equipar com essa capacidade, é preciso, mesmo, muito ensaio.

Alguns desdobramentos

Voltando das férias de julho, essa paciente contou:

Me vi escrevendo a palavra surpreendente, uma palavra difícil, e continuei, não parei, anotei as aulas de história, estou lendo o livro de Machado de Assis, é difícil, ele escreve: convidar-te-ei... O que é isso? Mas estou gostando, não estou com medo de perguntar, de escrever.

E completou: *“Consegui convencer minha mãe: vou parar o ballet”*.

Na perspectiva clínica winnicottiana, estar junto com nossos pacientes ganha outro sentido – a busca é, antes, pelo encontro humano, com toda a pletora de sentimentos contraditórios que desperta, o que nos leva ao exercício de identificá-los para, então, podermos acolhê-los.

Nessa perspectiva, a supercorreção de textos, visando a adequá-los a um padrão, corresponderia a oferecer a um bebê que nasce com potencial para viver a ilusão de criar o alimento que o nutre, física e emocionalmente, algo impossível de ser digerido, como um naco de carne mal-passada. Seria uma violência. Seria como obrigar Billy a lutar boxe quando o seu desejo era dançar. Ou como oferecer a P. informações sobre o conhecimento da escrita quando ela ainda se deparava com uma questão anterior ao processo simbólico necessário para apreendê-las, qual seja: a de se sentir com potencial criativo para se apropriar de maneira singular de algo que já estava no mundo antes que dele fizesse parte, a linguagem.

Nesse sentido, é possível compreender porque P., ao ler um texto, não procurava ampliar seu universo, fugindo das palavras desconhecidas. Ela, certamente, não se sentia suficientemente segura para desbravar novos horizontes. É preciso que imaginemos P. como um bebê dando os primeiros passos. Se o segurarmos excessivamente, ele pode acreditar que não é capaz de criar uma maneira própria de se equilibrar, para, enfim, explorar novos terrenos, nem sempre favoráveis.

Localizar o que pode ter dificultado o desenvolvimento maturacional integrado, o que causa o sofrimento de nossos pacientes quando o assunto é linguagem escrita, é fundamental para definirmos critérios de intervenção; ou seja, para deles nos aproximarmos de maneira a levá-los a potencializar suas capacidades e desejos de criar.

Em tempo, no filme, Billy mostra à sua professora de *ballet* a carta que sua mãe deixou para ser lida quando ele completasse 18 anos. Mas Billy, esperto, não esperou tanto tempo para saber o que de mais fundamental sua mãe tinha a lhe dizer, base para nos constituirmos como pessoas criativas sem deixarmos de lidar com os problemas que a realidade nos impõe: “Seja você mesmo”.

Resumo

Este artigo visa apresentar um episódio do trabalho que venho realizando em minha clínica particular com uma paciente com problemas na linguagem escrita. Discuto, então, de acordo com aspectos da clínica winnicottiana, possibilidades de intervenção terapêutica fonoaudiológica, levando em conta questões fundamentais da constituição do self.

Palavras-chave: *linguagem escrita; intervenção fonoaudiológica; constituição do self.*

Abstract

The purpose of this article is to present an episode of my clinical practice with a patient that shows writing difficulties. Therefore I discuss the possibilities of phonaudiologic therapeutical aids, concerning Winnicott practices, and taking into account fundamental questions of the building self.

Key-words: *shows writing; phonaudiological therapeutical; building self.*

Resumen

Este artículo tiene por objetivo presentar un episodio del trabajo que realizo en mi actividad clínica con una paciente con problemas de lenguaje escrita. Discuto, de acuerdo con los aspectos de la clínica winnicottiana, las posibilidades de una intervención terapéutica fonoaudiológica, tomando en consideración cuestiones fundamentales a la constitución del self.

Palabras clave: *lenguaje escrita; intervención fonoaudiológica; constitución del self.*

Referências

- BAKHTIN, M. (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- WINNICOTT, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro, Imago.
- ____ (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo, Martins Fontes.

Recebido em out/01; aprovado em mar/2002.